

I

Nos termos da lei, comunicaram a sentença de morte a Cincinnatus C. segredando-lha. Todos se levantaram, trocando sorrisos. O juiz de cabelos grisalhos encostou-lhe a boca à orelha, arfou um momento, fez a comunicação e afastou-se como se se descolasse. Depois levaram-no outra vez para a fortaleza. A estrada dava a volta aos rochedos sobre os quais assentava a fortaleza e desaparecia por baixo dos portões como uma serpente numa fenda. Ele estava calmo; no entanto, tiveram de o levar durante o trajeto pelos longos corredores, pois assentava os pés no chão de maneira insegura, como uma criança que aprende a andar, ou como se se afundasse, como um homem que sonha que caminha sobre a água e é assaltado por uma dúvida repentina: mas é isto possível? Rodion, o carcereiro, levou muito tempo a abrir a porta da cela de Cincinnatus, não acertava com a chave, de modo que foi a confusão habitual. Por fim, a porta cedeu. Lá dentro, já esperava o advogado. Estava sentado no catre, mergulhado até aos ombros em pensamentos, sem a sobrecasaca (que ficara esquecida numa cadeira na sala de audiência, o dia era escaldante, completamente azul); ergueu-se dum salto quando o preso entrou. Mas Cincinnatus não estava com disposição para conversar. Embora a alternativa fosse a solidão nesta cela, com o seu ralo como uma fuga num barco, não se importava, e pediu para ficar sozinho; fizeram-lhe todos uma vénia e saíram.

De modo que nos aproximamos do fim. O lado direito do romance, ainda por encetar, que, durante a nossa leitura deliciada, apalpávamos ao de leve, verificando maquinalmente se ainda tinha muito

(e de todas as vezes a sua espessura tranquila e sincera alegrava os nossos dedos), tornara-se, sem se saber como nem porquê, bastante magro: alguns minutos de leitura rápida, já a descer, e... que horror! O monte de cerejas, cuja massa nos parecera dum negro tão rubro e lustroso, transformara-se de repente numas drupas isoladas: aquela ali com a cicatriz está um pouco podre, e esta encarquilhou-se e secou à volta do caroço (e a última de todas é inevitavelmente dura e está verde). Que horror! Cincinnatus tirou o colete de seda, vestiu o roupão e, batendo um pouco com os pés no chão para estancar os arrepios, pôs-se a dar voltas à cela. Em cima da mesa, brilhava uma folha de papel imaculada e, recortando-se distintamente na sua brancura, havia um lápis magnificamente aparado, tão comprido como a vida de qualquer homem exceto Cincinnatus, e com um reflexo de ébano em cada uma das suas seis facetas. Um descendente iluminado do dedo indicador. Cincinnatus escreveu: «Apesar de tudo, sinto-me relativamente. Quanto a este desfecho, eu tinha pressentido este desfecho». Rodion estava do outro lado da porta e espreitava pelo ralo com a austera atenção dum capitão de navio. Cincinnatus sentiu um calafrio na nuca. Riscou o que escrevera e pôs-se a sombreado docemente; o embrião dum ornato apareceu gradualmente e encurvou-se até se transformar no corno dum carneiro. Que horror! Rodion observava pela escotilha azul o horizonte que ora subia, ora descia. Quem estava a sentir-se enjoado? Cincinnatus. Começou a suar abruptamente, tornou-se tudo escuro e podia sentir cada cabelo até à raiz. Um relógio soou quatro ou cinco vezes, com as vibrações e a revibrações, e as reverberações próprias duma cadeia. A dar aos pés, uma aranha, amiga oficial do preso, desceu do teto por um fio da sua teia. No entanto, ninguém batia na parede, pois Cincinnatus era de momento o único preso (numa fortaleza enorme como aquela!).

Pouco depois, Rodion, o carcereiro, entrou e propôs-lhe dançar uma valsa com ele. Cincinnatus aquiesceu. Começaram a rodopiar. As chaves no cinto de couro de Rodion chocalhavam; ele cheirava a suor, tabaco e alho; cantarolava de boca fechada, soprando para dentro da barba ruiva; e as suas articulações ferrugentas rangiam (já não era o que era, infelizmente, agora estava gordo e faltava-lhe o fôlego). A dança levou-os para o corredor. Cincinnatus era muito mais pequeno do que o seu par. Cincinnatus era leve como uma pena. O

vento da valsa fazia vibrar as pontas do seu comprido mas fino bigode, e os seus grandes olhos límpidos olhavam de viés, como acontece sempre com os dançarinos timoratos. Era de facto muito pequeno para um homem feito. Marthe dizia que os sapatos dele eram demasiado apertados para ela. Na esquina do corredor estava outro guarda, sem nome, armado duma espingarda e com uma máscara de cão com uma gaze em vez do focinho. Descreveram um círculo junto dele e voltaram a deslizar para dentro da cela, e agora Cincinnatus lamentava que a vertigem do abraço amistoso tivesse sido tão breve.

Com uma monotonia banal o relógio voltou a soar. O tempo avançava numa progressão aritmética: neste momento eram oito horas. A feia janelinha mostrou-se acessível ao pôr do sol; um paralelogramo de fogo apareceu na parede lateral. A cela encheu-se até ao teto com os óleos do crepúsculo, ricos de pigmentos extraordinários. Assim, podíamos perguntar-nos, aquilo ali à direita da porta é um quadro dum colorista fogoso, ou outra janela, de vitrais pintados, dum género que já não existe? (Na realidade, era uma folha de pergaminho que estava pendurada na parede, exibindo a duas colunas e em pormenor os «Deveres do Detido»; o canto dobrado, as letras vermelhas do título, as vinhetas, o escudo antigo da cidade, nomeadamente, uma fornalha com asas, ofereciam os materiais necessários para a iluminura vespéral.) A quota de mobiliário da cela englobava uma mesa, uma cadeira e o catre. O jantar (os condenados à morte tinham direito às mesmas refeições que os chefes dos guardas) havia muito que estava pousado e a arrefecer no seu tabuleiro de zinco. Estava a ficar bastante escuro. De repente, o local encheu-se duma luz eléctrica dourada, fortemente concentrada.

Cincinnatus baixou os pés do catre. Uma bola de *bowling* rolou através da sua cabeça, em diagonal, da nuca até à têmpora; parou e voltou a rolar em sentido contrário. Entretanto, a porta abriu-se e o diretor da cadeia entrou.

Estava, como sempre, de sobrecasaca e mantinha-se delicadamente direito, de peito para fora, uma mão no peito, a outra atrás das costas. Uma peruca perfeita, negra como pez, e com uma risca cerosa, cobria-lhe sem uma falha a cabeça. O rosto, selecionado sem amor, com as suas faces inchadas e de aspeto doentio e um mapa de rugas algo obsoleto, era de certo modo avivado por dois, mas apenas por

dois, olhos bugalhudos. Mexendo as pernas num movimento regular dentro das suas calças direitas como colunas, deslocou-se da parede até à mesa, quase até ao catre, mas, apesar da sua solidez majestática, desapareceu calmamente, dissolvendo-se no ar. Um minuto mais tarde, no entanto, a porta voltou outra vez a abrir-se, desta vez com o ranger familiar e, de sobrecasaca como sempre, de peito para fora, entrou a mesma pessoa.

— Tendo sabido de fontes de confiança que o seu destino foi a modos que marcado — começou, numa rica voz de baixo —, julguei ser meu dever, meu caro senhor...

Cincinnatus disse: — Amável. O senhor. É muito. (Isto ainda tinha de ser arranjado.)

— O senhor é muito amável — disse um Cincinnatus complementar, depois de aclarar a garganta.

— Misericórdia — exclamou o diretor, sem notar a falta de tato desta palavra. — Misericórdia! Não pense nada. O dever. Sempre. Mas por que razão, se posso atrever-me a perguntar, não tocou no seu jantar?

O diretor levantou o testro e chegou ao seu sensível nariz a tigela de guisado coagulado. Pegou numa batata com dois dedos e começou a mastigar poderosamente, escolhendo já com a sobrançelha outra coisa noutra prato.

— Não sei que melhor comida podia desejar — disse com desagrado e, arregaçando os punhos da sobrecasaca, sentou-se à mesa para comer mais à vontade o empadão de arroz.

Cincinnatus disse: — Gostaria, apesar de tudo, de saber se falta muito.

— Excelente este *sabayon*! Gostaria de saber, apesar de tudo, se falta muito. Infelizmente, nem eu próprio sei. Sou sempre informado à última hora. Tenho-me queixado muitas vezes e posso mostrar-lhe toda a correspondência sobre o assunto, se estiver interessado.

— Então pode ser amanhã de manhã? — perguntou.

— Se estiver interessado — respondeu o diretor. — ... Sim, simplesmente delicioso e muito nutritivo, é o que lhe digo. E agora, *pour la digestion*, permita-me que lhe ofereça um cigarro. Não tenha medo, na pior das hipóteses, é o penúltimo — acrescentou espiritualmente.

— Não pergunto por curiosidade — disse Cincinnatus. — É verdade que os cobardes estão sempre com perguntas. Mas garanto-lhe... Embora não consiga controlar os arrepios e o resto, isso não quer dizer nada. Um cavaleiro não é responsável pelas tremuras do seu cavalo. Quero saber porquê pela seguinte razão: a compensação por uma sentença de morte é o conhecimento da hora exata em que se morre. É um luxo enorme, mas é um luxo que foi bem merecido. No entanto, deixam-me nessa ignorância, que é tolerável apenas para os que vivem em liberdade. E além disso, tenho na cabeça muitos projetos que foram começados e interrompidos em diversas épocas... Não me ocuparei deles se o tempo que falta para a minha execução não for suficiente para os concluir como deve ser. É por esta razão que...

— Ah, quer fazer o favor de acabar com as lamúrias — disse em tom irritado o diretor. — Em primeiro lugar, é contra o regulamento, e em segundo, falo-lhe em bom russo e pela segunda vez, não sei. Tudo quanto lhe posso dizer é que o seu companheiro de destino é esperado por um destes dias; e quando chegar e tiver descansado, e se tiver familiarizado com o local, deverá ainda testar o instrumento, se, evidentemente, não tiver trazido o dele, o que é altamente provável. E esse tabaco, não é forte demais?

— Não, respondeu Cincinnatus, depois de olhar distraidamente para o seu cigarro. — Só que me parece que, nos termos da lei... não o senhor, mas o governador da cidade... tem o dever...

— Já conversámos que baste — disse o diretor. — Na realidade, não vim aqui para escutar queixas, mas para... — A piscar os olhos, rebuscou primeiro num bolso, depois noutra; por fim, dum bolso do peito, extraiu uma folha de papel pautado, visivelmente rasgada dum caderno escolar.

— Não há cinzeiro aqui — observou, fazendo gestos com o cigarro. — Bom, afoguemo-lo no que resta deste molho... Muito bem. Parece-me que a luz é um pouco forte. Talvez se nós... Deixe lá; vai mesmo assim.

Desdobrou o papel e, sem pôr os óculos de aro de corno, mas segurando-os à frente dos olhos, começou a ler distintamente:

— «Prisioneiro! Nesta hora solene em que todos os olhares»... Penso que seria melhor que nos puséssemos de pé — interrompeu-se, preocupado, e ergueu-se da cadeira. Cincinnatus ergueu-se também.